

## APROFUNDAMENTO DA FICHA 5

### 5. Naqueles olhos tinha visto quem era Deus

*Para aprofundar o tema da Escola de Comunidade desta semana, propomos dois trechos: o primeiro é tirado da Carta Apostólica Misericordia et misera, do Papa Francisco, publicada como conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia; o segundo é retirado da Assembleia com o padre Julián Carrón durante a Equipe dos Liceus (Cervínia, 3 de setembro de 2016). São duas provocações para aprofundar a origem daquele olhar que nos alcançou também a nós.*

#### **Papa Francisco, Carta Apostólica Misericordia et misera\***

Encontraram-se uma mulher e Jesus: ela, adúltera e – segundo a Lei – julgada passível de lapidação; Ele que, com a sua pregação e o dom total de Si mesmo que O levará até à cruz, reconduziu a lei mosaica ao seu intento originário genuíno. No centro, não temos a lei e a justiça legal, mas o amor de Deus, que sabe ler no coração de cada pessoa incluindo o seu desejo mais oculto e que deve ter a primazia sobre tudo. Entretanto, nesta narração evangélica, não se encontram o pecado e o juízo em abstrato, mas uma pecadora e o Salvador. Jesus fixou nos olhos aquela mulher e leu no seu coração: lá encontrou o desejo de ser compreendida, perdoada e libertada. A miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora. [...]

Aliás Jesus ensinara-o claramente quando, em casa dum fariseu que O convidara para almoçar, se aproximou d'Ele uma mulher conhecida por todos como pecadora (cf. Lc 7, 36-50). Esta ungiu com perfume os pés de Jesus, banhara-os com as suas lágrimas e enxugara-os com os seus cabelos (cf. 7, 37-38). À reação escandalizada do fariseu, Jesus retorquiu: «São perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa, pouco ama» (7, 47).

Quanta alegria brotou no coração destas duas mulheres: a adúltera e a pecadora! O perdão fê-las sentirem-se, finalmente, livres e felizes como nunca antes. As lágrimas da vergonha e do sofrimento transformaram-se no sorriso de quem sabe que é amado.

#### **Da Assembleia com Julián Carrón durante a Equipe dos Liceus\*\***

*Queria contar uma coisa que aconteceu na caritativa, onde ajudamos os miúdos do centro paroquial a estudar. Começamos este ano, por isso não conhecíamos o lugar e tudo o resto. O centro é frequentado por miúdos de todas as idades, dos cinco aos vinte anos, com os quais estudamos. Uma vez eu estava a descer para o parque para ir buscar os miúdos para estudar com eles, e estavam lá alguns rapazes um bocadinho mais velhos. Pararam-me »*

\* Papa Francisco, Carta Apostólica Misericordia et misera.

\*\* Anotações da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Liceus, Cervínia, 3 de setembro de 2016.

» nas escadas porque gostam de armar confusão, queriam lutar, mas eu não. E por isso disse-lhes: “Estou aqui porque quero apenas ajudar os miúdos. Não estou aqui para lutar”. É estranho, porque para mim sempre foi mais fácil responder: a quem nos trata com violência respondemos com violência, é mais fácil, pelo menos para mim sempre foi um bocadinho mais fácil. Porém naquele momento fiquei parado diante deles, que...

**Julián Carrón.** Por que razão? Porque tinhas perdido a energia, porque tinhas perdido “os atributos” ou por qualquer outro motivo?

Não, não, não.

Por que é que ficaste quieto?

*Eu pensava na Violaine, não reagi pelas crianças, queria estar lá para eles e não para lutar; até porque o motivo deles era insignificante, na verdade diziam que eu tinha olhado torto para eles. Basicamente é inútil, de qualquer forma. E mesmo depois de terem insistido, quando se tornaram violentos, eu fiquei quieto até que chegaram duas raparigas...*

De onde nasce essa firmeza? Não quero que tu percas o significado do que estás a dizer. É a mesma coisa do que a esterilidade de antes. De onde nasce? Porque tu encontras em ti algo diferente; tu normalmente és assim?

Não.

Habitualmente reages, ou ficas quieto?

*Habitualmente reajo.*

E reages bem! Não são os «atributos» que te faltam! Mas então por que é que ficaste parado?

*Basicamente, ainda é uma pergunta em aberto. Depois de acontecer este facto, chegaram duas raparigas que entrevistaram e nos separaram. Depois fui-me embora com a responsável da nossa caritativa, pôs-me no carro e levou-me para casa. Eu estava a viver um momento difícil, porque a raiva, o responder, sempre foi um ponto difícil que sempre tentei eliminar; todos, inclusive a minha família, sempre me disseram que é um ponto que não era bom. E sempre me fizeram olhar para ele como o ponto negativo, que deve ser eliminado, que se deve eliminar porque é horrível, e então eu também o via assim. E, mesmo ficando parado, a raiva continuava.*

É justamente isto que quero ajudar-te a perceber.

*Chegado a casa, estavam lá a Antonella e o meu irmão. No passado sempre notei que, quando ficava irritado, tanto o meu irmão quanto os meus pais, que são os que melhor me conhecem, nunca se permitiam ficar comigo: talvez fingissem que nada se passava, ou então iam-se embora e eu ficava ali “assim”, tinha eu que “gerir” sozinho a minha raiva. Naquele dia, porém, cheguei e a Antonella olhou para mim, abraçou-me e depois pediu-me que lhe contasse o que tinha acontecido, tudo. Contei, e depois ela disse-me: “Na próxima sexta-feira voltas lá para fazer caritativa”. Eu não queria, porque pensava: “Veio ao de cima este meu ponto que odeio, e não quero que volte a acontecer, que salte outra vez”. Mas ela olhou para mim e disse-me: “Tu voltas lá”. Inicialmente fiquei aborrecido, porque não queria, mas depois pensei: “Olha o que estás a arriscar”, não estava a dizer-me o que eu gostaria que me tivessem dito: “Sim, fica calmo, aconteceu isso mas vamos resolver tudo, volta à caritativa que fazias dantes”. Eu via que ela estava a apostar tudo, estava a arriscar dizendo-me: “Vai lá”, porque eu podia voltar ou podia dizer: “Estás a dizer-me para fazer o que eu não quero, e eu não vou”. Mas naquele momento eu senti-me olhado não apenas pelo que queria que ela olhasse, mas por tudo, também por aquilo que eu não quero olhar, a minha raiva, que me incomoda, que não quero. Depois de algumas semanas, voltei à caritativa, e era difícil, porque todas as vezes há algum receio de que aquela coisa volte a acontecer. Mas, mal cheguei, havia crianças à minha espera, e isso tocou-me, porque afinal de contas, não é que se vá trabalhar de muito boa vontade, porque as crianças não querem »*

» *estudar e então até te acham antipático, tu não ficas lá muito contente; mas eu cheguei e as crianças estavam à minha espera, e então o medo, a dificuldade, o facto de que aquela raiva pudesse voltar; passaram quase para o segundo plano; eu queria ir ter com eles todas as sextas-feiras, estavam à minha espera. E também quando, depois, eu encontrava aqueles rapazes – porque viam-se por ali, não é que nunca mais os tenha visto – era uma ocasião para fazer memória do dia da caritativa em que tinha acontecido aquilo que aconteceu há um anos, mas da qual me lembro todos os dias.*

E o que é que ficou na tua memória desse dia?

*O facto de a Antonella ou o meu irmão, com o qual sempre tive uma relação assim-assim, terem estado lá, terem olhado para mim, e terem olhado para o único ponto que nem mesmo eu quero olhar.*

E o que é que permite que eles olhem para aquilo que tu não queres olhar? Na tua opinião? Eles são estúpidos, não percebem bem o que é que tu vês e por isso não sentem todo o ódio que tu sentes diante da tua raiva? Por que razão é que eles podem olhar para a coisa que tu não consegues olhar devido ao ódio que te provoca? O que veem eles que tu não vês? Porque são bons? “São bons, mas estúpidos, porque não veem o que eu vejo, porque se vissem não poderiam não sentir todo o ódio que eu sinto”. O que veem eles que tu não vês? O que permite que eles vejam?

*Depois de isto ter acontecido, nasceu uma relação de amizade com a Antonella; já existia antes, mas...*

Não saltes etapas. Por que razão nasce a amizade com ela? A amizade nasce se tu percebes por que razão ela consegue olhar para aquilo que tu não consegues olhar. E é justamente porque ela pode olhar para isso que também tu, em qualquer momento, podes olhar. Tu tens de começar a olhar para ti como a Antonella olha para ti. Começa a olhar para ti assim aos poucos, e da próxima vez diz-me porquê, o que aconteceu, se descobriste um pouco mais por que razão é que ela consegue olhar assim para ti. Ela não tem nenhum problema em olhar para tudo, que é o que tu também gostarias de fazer: tu não queres olhar para muitas coisas que te perturbam; gostaria de arrancar a raiva de ti. No entanto, estás diante de alguém que pode olhar para tudo, e descobres que com ele ou com ela podes olhar para tudo. Nós encontrámos alguém com quem se pode olhar para tudo sem censurar nada. Porque, se tu censuras, depois carregas todo o peso daquilo para o que não podes olhar. Mas tu podes olhar para tudo, para te reconciliares com tudo. Por que é que São Pedro pode olhar para tudo? Tu não fizeste nada, em comparação com o que Pedro fez, ele chegou a negar Jesus diante de todos, ele renegou-O: “Não conheço esse homem” (Mt 26,72-74). Entrou na história Alguém que, enquanto Pedro estava todo preocupado – “O que será que me vai dizer agora, vai recriminar-me” –, em vez de o recriminar, olhou para ele sem censurar nada; sabendo o que tinha feito, pergunta-lhe: “Tu amas-me?” (Jo 21,16). Percebes de onde nasce a amizade de Pedro com Jesus? Da mesma maneira como nasceu a tua amizade com a Antonella: de alguém que olha para ti como Jesus olhou para Pedro, que o tinha traído. Jesus dá-te alguém como a Antonella para te fazer descobrir o que é capaz de despertar uma amizade assim. E para que é tão importante alguém assim? Para que, sendo nós uns pobres coitados e cheios de coisas que não queremos olhar, possamos entender a necessidade que temos de alguém que não tenha medo de olhar para tudo. Sem isto, não poderíamos ser amigos, porque sempre há alguma coisa que não queremos olhar. Por isso, se Jesus não tivesse olhado para tudo em nós, não poderíamos ser Seus amigos, porque haveria sempre alguma coisa da qual nos envergonharíamos. Com Ele podemos olhar para tudo.